

APRESENTAÇÃO

Daniel Conte¹
Rafael Hofmeister de Aguiar²
Ria Lemaire³

Este dossiê da Revista *Illuminuras* propôs-se a olhar, através de estudos teórico-críticos, a empresa colonial ibérica e seu movimento que maculou o destino da humanidade, desde o século XV, ao rasgar oceanos e violar territorialidades. A consequência dessa empreitada gestou imagens que orientaram o pensamento europeu ao largo de séculos e que permanecem dizentes em territórios outrora dominados. Seja pelo feito de Bartolomeu Dias, que em 1487 dobrou o Cabo da Boa Esperança, seja pelo desembarque de Cristóvão Colombo nas Antilhas, em 1492, ou, também, séculos depois, pelo perverso e tardio domínio português na África, o imaginário colonial ainda é materializável nos processos da cultura das ex-colônias das Américas e da África. Embora com particularidades nos processos colonialistas de Portugal e Espanha, violência, silêncio e perversão foram marcas perpetuadas pelos atores das forças coloniais, os quais impuseram uma dor infinda às sociedades autóctones. É a partir dessa potência iníqua, fossilizada nos campos simbólicos do social, que se naturalizou, nos registros oficiais dos Estados modernos, a violência contra aqueles que se situavam distantes das decisões do poder: negros, indígenas e mulheres. Essa condição dos sujeitos comuns, que denominamos, aqui, como pós-colonialidade, deu origem a um deslocamento subjetivo, que relegou à intersecção das culturas um enorme contingente de pessoas nos espaços das metrópoles e das colônias; sujeitos que viveram longe das apologias nacionalistas, que habitaram, de fato, o fazer da história. Esse movimento gestou um estar entre a euforia e a disforia, entre o reconhecimento do outro e a negação de si, desvelando sensações de pertença e de (des)pertencimento do imaginário colonial. Nessa ordem, a reunião dos artigos que, agora, vem a público colocam em perspectiva as articulações do imaginário ibérico que se apresentam pulverizadas pelo mundo em suas múltiplas materialidades e sistematizadas nas latências do imaginário colonizado.

Dentre os estudos, **Memórias de visitantes longínquos ao Sudeste Asiático: a ‘fortaleza portuguesa’ em Amurang**, de autoria de Maria Johanna Schouten, examina a percepção existente, atualmente, entre os indonésios no que se refere à presença portuguesa no arquipélago entre os séculos XVI e XVII. Apesar de as evidências demonstrarem que a busca por supremacia e benefícios materiais por parte de navegadores europeus foi realizada com recurso à violência, a população local apresenta versões diferentes deste passado. Em uma análise destas versões, seguindo uma abordagem antropológica, a autora apresenta aos leitores, um estudo que coteja as numerosas narrativas populares e o discurso oficial sobre os portugueses, que os coloca como conformadores de uma imagem positiva, no âmbito colonial. A investigação, ainda inclui informações históricas relativas à presença portuguesa e espanhola na Indonésia, dados etnográficos de Amurang, bem como detalhes arquitetônicos e arqueológicos.

¹ Feevale, Brasil.

² Instituto Federal Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Université de Poitiers, França.

Já o trabalho de Rafael Hofmeister de Aguiar e Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, intitulado **De Gregório de Matos repentista e outros improvisos na literatura colonial**, aborda o improviso como elemento constituinte da poética brasileira do período colonial, sobretudo na obra de Gregório de Matos, questionando as posições etno e eurocentristas que incluem produções orais ibéricas trovadorescas e humanistas na historiografia das literaturas hispânica e luso-brasileira, contudo, excluem o cantar dos cantadores nordestinos e outros artífices da voz. O texto assevera que essa posição assume, para justificar suas supressões, uma visada *scriptocentrista*, situando como composição escrita o que fora erigido na performance, como é o caso da obra de Gregório de Matos. Através de uma abordagem histórica e filológica, permeada por uma sensibilidade antropológica, que questiona tais concepções, os autores habilitam criticamente o papel histórico da viola como instrumento não só de auxílio à composição poética como também de sociabilização no Brasil Colônia, além de analisarem com rigor filológico um *corpus* de composições do poeta baiano, realizando uma abordagem comparativista com os cantadores nordestinos.

O terceiro estudo é de autoria de Letícia Vieira Braga da Rosa: **Açorianos em San Carlos e a questão do outro**, investigação na qual a autora parte do tema da Colonização Açoriana na América do Sul e discute o tensionamento das relações sociais na formação da vila de San Carlos, em Maldonado, Uruguai. O estudo mostra que o povoado foi constituído em 1763, com famílias açorianas transportadas de Rio Grande, para o território espanhol. Essa perfilação histórica está ancorada em autores significativos como Simmel, Mead, Park e Todorov e tem como método de abordagem a Sociologia Compreensiva de Weber, que sugere compreender os fenômenos históricos a partir dos indivíduos e suas ações sociais. A mescla de interação, tensão e conflito, adaptação, ajuste e aceitação, entre os açorianos e os demais habitantes da região são imagens que emergem do processo histórico ao largo do período que compreende os anos entre 1763 e 1778, o que leva o leitor a perceber-se de uma existência ambivalente.

Já em **“Banzo” de Raimundo Correia: O sublime constatar da herança de um fracasso colonial**, Matheus Coelho de Toledo pensa os interesses da poesia brasileira do fim do século XIX, focando nas crises da escravatura e da monarquia, ambas heranças do período da empresa colonial ibérica. O autor é categórico a tocar em temas complexos como ocidente e oriente, alteridade, representações da mulher e negros e o modernizar da sociedade. Através da investigação crítica em leituras de profundidades gradativamente maiores do soneto “Banzo”, de Raimundo Correia, e de outros desse e de seus contemporâneos, a investigação encontra heranças e permanências de um passado colonial, como a desvalorização da cidadania negra da população. Dessas heranças e do exílio negro, mostra que advém uma tristeza mortal chamada “banzo”. Toledo investiga, na poesia de língua portuguesa, as origens de uma possível linhagem de poética de exílio, oriunda desde o início da era colonial, passando por diversos períodos e traçando possíveis ligações com o soneto “Banzo”, de Raimundo Correia.

Não muito conhecido no sistema literário brasileiro, o moçambicano Rui Knopfli tem sua obra poética tomada como objeto de investigação de Paula Terra Nassr e de Daniel Conte no texto **O sujeito híbrido e a não-pertença em Rui Knopfli**. Esse estudo, trata da condição híbrida e do não-pertencimento do sujeito poético do escritor Rui Knopfli. Em seus poemas, o que se dá a perceber é que não se representa um sujeito coadunado aos princípios do colonialismo, ao passo que não se conforta como sujeito engajado no contexto político pós-independência. Dessa maneira, acaba por empreender um movimento diaspórico e exila-se em outros espaços em que possa se sentir habitado de sentido, encontrando em sua poética, o refúgio para escapar ao não-pertencimento.

As questões do sujeito híbrido dentro de seu contexto de produção, são abordadas detendo-se, especificamente, em poemas e recortes discursivos nos quais fica evidente o espaço da não-pertença. Desde a materialidade poética de Knopfli, amparando-se em Augé, Bachelard, Hall, Monteiro, Said, Subarits entre outros, os autores discutem a permanência da imagem colonial no discurso do poeta e o entre-espaço como lugar de enunciação poética.

Alessandra Cristina Costa Monteiro é autora de **Capitania do Maranhão: a percepção da natureza para o homem do século XVIII e as práticas científicas de Portugal**, em seu estudo busca conhecer as práticas científicas na Capitania do Maranhão, mais especificamente na segunda metade do século XVIII, no contexto da História Natural de Portugal. Nesse então, pensar as relações do homem com a natureza, a partir do estudo das remessas de gêneros naturais enviados do Maranhão para a Europa, está entre suas preocupações. Monteiro utiliza como fonte investigativa as correspondências trocadas entre os governadores desta Capitania e o Secretário de Estado de Negócios da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro entre os anos de 1773 e 1790. O texto pauta as relações de conhecimento, classificação e domínio do território e consequentes potencialidades entre Portugal e seus domínios.

Um Brasil maxixe: representações culturais e identitárias em composições desse gênero musical, de Débora Bender e Juracy Assmann Saraiva, apresenta a sustentação da identidade brasileira sobre o amálgama de três raças, que surgiu na virada do século XIX para o século XX, em um intento de compreender e de explicar a cultura brasileira. Esse conceito pressupunha a miscigenação como resultado da convivência harmônica de três raças – a branca, a indígena e a negra – e como marca fundamental da identidade brasileira, concepção que deixou resquícios no imaginário nacional e estrangeiro e, ainda, vigora na atualidade. O maxixe, que se efetiva pela ruptura e pela articulação de ritmos europeus e afro-brasileiros, afirmam as autoras, pode ser considerado produto desse processo. Bender e Saraiva investigam as representações culturais e identitárias, expressas em letras de quatro maxixes que alcançaram sucesso no Brasil, no final do século XIX, para discutir sua correlação com a teoria da convergência das três raças.

Apontando para os estudos Decoloniais, e tendo a permeabilidade do imaginário colonial como lastro imagético, os textos que completam este dossiê reúnem críticas sistêmicas não só ao processo colonial, mas, também às narrativas estabilizadoras da orientalização do outro. É o caso do estudo intitulado **De deusa lua a mulher demônio: as múltiplas faces de Carmen, de Prosper Mérimée**, de autoria de Sueleny Ribeiro Carvalho e Anselmo Peres Alós. Em seu estudo, os autores examinam o modo de representação da personagem Carmen, originária da narrativa de Prosper Mérimée, que comporta o olhar do colonizador sobre o outro orientalizado (objetalizado), na primeira metade do século XIX. É desde a análise das configurações do narrador e dos aspectos que caracterizam a personagem, a fim de observar a presença do discurso da misoginia, diluído entre outros discursos, na constituição da personagem sob o estereótipo da mulher-demônio, em comparação com as formas de representação mitológicas das deusas lunares, que os autores observam a presença simultânea dos dois polos de representação da mulher (santa e demônio). Para tanto, Carvalho e Alós partem do exame da narrativa de Mérimée, levando em consideração os contextos histórico e literário os quais influenciaram o autor na produção da obra, bem como os aspectos que colaboraram para a cristalização dos estereótipos e a transformação da personagem em demônio.

Ana Lúcia Ferraz assina o texto **Cosmopolíticas Guarani: Pistas sobre as relações entre Imagem e Alteridade** em que reconhece a cosmopolítica guarani e a

centralidade das relações de alteridade da vida das aldeias, conformada pelo espaço do xamanismo. O trabalho lança o olhar contundente sobre uma experiência etnográfica, mediada pela realização de oficinas de vídeo em aldeias localizadas no Mato Grosso do Sul e no Rio de Janeiro, direcionando os olhares fixados a narrativas fílmicas de autoria dos jovens guaranis. Ferraz pensa as presenças dos *outros* em territórios e a abrangência da noção de alteridade para compreender as formas de sua cosmopolítica.

Por sua vez, o trabalho intitulado **Experiência estética, produção partilhada do conhecimento e pós-humanismo: a arte mural em terra kaingang**, de Magda Vicini e Sergio Bairon, apresenta uma composição mural real e ou virtual como experiência estética coletiva com os índios Kaingang de Palmas (PR). Os autores colocam a produção de conhecimento científico em questão quando, no processo investigativo, reveem as formas pelas quais o mundo ocidental, branco e europeu, representou e representa o outro/Outro igual a mim e diferente de mim. Em seu texto, Vicini e Bairon questionam a maneira pela qual a experiência estética pode influenciar o sentido e a produção de “representação” ou “apresentação” artística dessa etnia indígena no mural produzido pelos próprios Kaingang.

A importância social da imagem: reflexões sobre diferença, representação e poder em diálogo com um pensamento decolonial, de Danielle Parfentieff de Noronha, discorre sobre a relação entre ficção e realidade contida nas imagens, em diálogo com a decolonialidade e com a possibilidade de refletir e produzir visualidades outras. A autora não pretende, obviamente, esgotar o tema, mas contribuir com as discussões que estão sendo desenvolvidas no âmbito das antropologias visuais, a partir de diálogos transdisciplinares com o paradigma decolonial, como também com a semiótica e os estudos culturais.

Da mesma forma, Liliam Ramos da Silva e Richard Serraria, em **As narrativas do tambor como práticas decoloniais**, refletem sobre a proposta das pedagogias decoloniais como práticas pedagógicas a partir dos estudos do tambor na América Latina. As práticas e narrativas ancestrais do povo negro permitiram sua sobrevivência em espaços colonizados, mas tais sabedorias não foram incorporadas aos currículos eurocentrados das universidades e aos espaços formais de educação. Os autores estabelecem uma discussão teórico-crítica para, em sua escritura, pensar a decolonização da universidade e a aceitação de epistemologias do sul como formadoras de um conhecimento amplo, heterogêneo e agregador. Ressaltam, ainda, que a proposta decolonial propõe questionamentos do profundo eurocentrismo que desqualificou o pensamento dos sujeitos coloniais e permite que se pensem novas formas de (re)contar a história agregando valores e conhecimentos do povo negro, invisibilizado na construção epistemológica da América Latina, lendo o complexo sistema imagético da colonização.

Enfim, este dossiê reúne resultados significativos do fazer investigativo e evidencia a importância das imagens dispersas para o entendimento do que é a complexidade de imaginários colonizados, os quais apresentam-se em processo de libertação efetiva. Estamos seguros que os estudos aqui reunidos contribuirão, sobremaneira, à noção e ao entendimento do outro que nos compõem.